

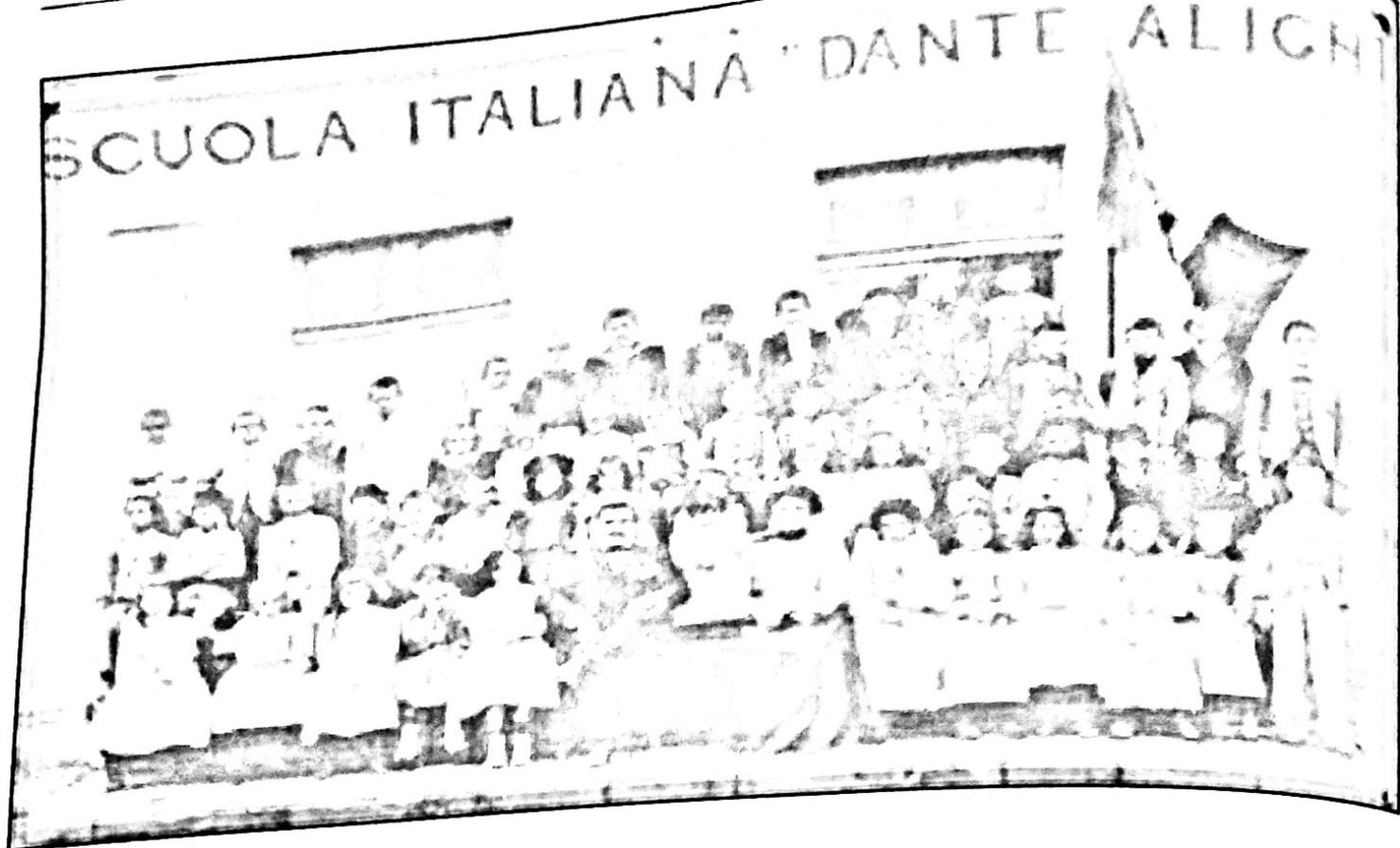
## Como a vida me fez professora

Regina Leite Garcia

Ao falar de minha história de professora, mais do que afirmar que me fiz professora, seria mais verdadeiro dizer que a vida me fez professora e, mais uma vez, citar o Paulinho da Viola, que me ajudou a compreender que *não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar*. Talvez o meu texto possa revelar o que foi acontecendo na minha vida, as oportunidades que foram se abrindo, as portas que eu fui abrindo ou fechando, ou mesmo algumas que fui deixando entreabertas. Talvez eu possa concluir que, mais do que me navegar, na vida mais fui sendo levada pelo mar, algumas vezes me deixando levar, outras vezes lutando contra a correnteza, outras ainda mergulhando na onda e descobrindo as maravilhas do fundo do mar e o prazer de abrir os olhos ao subir do mergulho e ver o sol e o céu azul e quem participava comigo das brincadeiras com o mar. O prazer da praia era tanto quando adolescente, que eu me arriscava a chegar em casa, de volta do sol, do mar e d@s amig@s, além do meio-dia, hora limite que meu pai considerava decente para se estar na praia.

Enfim, mais uma vez abro o meu baú de memórias e vou revivendo momentos de minha vida que me pareçam importantes, e, ao puxar os fios, vou tecendo um bordado tipo *patchwork*, de minha relação com a escola, seja como aluna, seja como professora.

Talvez, para começar, eu deva dizer que entre as minhas mais remotas reminiscências não aparece a cena da Regina-criança a brincar de ser professora. Talvez por ainda não ter estado na escola. Talvez por não haver, naquele tempo, professoras em minha família, embora meu avô materno italiano, tenha vindo para o Brasil como professor, pois assim faziam os italianos quando migravam para outro país: levavam um professor a fim de garantir a preservação da cultura italiana. Tenho inclusive uma fotografia do professore Michele Grassani sentado, muito pomposo, à frente da Scuola Italiana Dante Alighieri, cercado de alun@s e duas professoras.



Minhas lembranças de brincadeiras infantis são brincar de comadre, de comidinha, de boneca, portanto de ser mãe, amiga, cozinheira, babá, e, ao crescer um tico, fui brincando de roda, de amarelinha, de pegar, e logo, logo comecei a andar de bicicleta e de patins, a ir à praia, catar tatuí na beira do mar e, na volta, comê-los fritos com arroz. E eis que de repente, não mais que de repente, vou aos álbuns de fotografia que minha mãe sempre organizou e me deparo com talvez um momento de ensinagem e aprendizagem vivido por mim, momento que há de ser um dos primeiros e mais prazerosos de minha vida. Lá estamos eu e meu pai, ele acororado, como adorava ficar, e eu, com os meus 3 anos, em pé ao seu lado, ambos pegando as conchas na pedra lambida pelas águas do mar, abrindo as ostras, pingando limão e as comendo. Hão de me perguntar – mas tudo isto aparecia numa fotografia? E eu respondo que aquela fotografia me fez mergulhar numa das cenas familiares mais felizes de minha vida, em que eu aprendia com meu pai, que me ensinava fazendo comigo. *Learning by doing?* Pois é, eu aprendia fazendo com quem me ensinava com muito amor. E agora posso compreender que eu vivia, antes da Madalena Freire ter me ensinado muito mais tarde, “O prazer de aprender”. E isto aconteceu em Florianópolis, onde vivemos por um tempo e onde minha irmã Gilka nasceu.

Talvez neste primeiro momento eu tenha atendido ao proposto por Beatriz Fischer: *deixar o coração falar em memórias de tempos mais remotos*. E ela enfatizou que o mais importante seria *que eu tivesse muito prazer*. E o tive, e muito. Mas a coleção que ela está organizando se refere a *memórias de tempos mais remotos de escola*. E, antes de entrar no jardim de infância, eu sequer brincava de escola ou de ser professora. Vamos então a algumas das minhas *memórias de tempos mais remotos de escola*.

Nós então já morávamos em Copacabana, meu pai, minha mãe e nós três filhas, eu, a mais velha, Gilka, a do meio, e Rosinha, a mais nova. Lá vivi minha primeira experiência de escola no Colégio Mallet Soares, também em Copacabana, na Rua Xavier da Silveira. Sempre que passo por esta rua, lembro-me que ali começou a minha vida escolar, onde estive até os meus 12 anos, pois, por ter pulado a quinta série, ou quinto ano, não me lembro bem como era denominado cada ano de vida escolar, aos 12 anos estava no segundo ano do ginásio, conforme fotografia abaixo. Talvez por ter pulado a quinta série, perdi a minha turma que vinha desde a primeira série e fui para uma turma de colegas na sua maioria mais velh@s do que eu. Mas como o colégio era pequeno e tod@s morávamos na redondeza, as amizades eram mantidas, às quais eram incorporadas novas amizades. A novidade era que até a quinta série tínhamos uma professora da turma além da professora de ginástica, a de música e a de francês, enquanto que no ginásio tínhamos um professor ou professora para cada disciplina.

Como vivíamos bem próximo do colégio, até os meus 8 anos, nossa mãe nos levava e nos buscava diariamente. Aos meus 9 anos, já nos foi permitido irmos as três juntas, cheias de recomendações de nossa mãe. Isto não impediu que um dia a minha irmã Rosinha, que tinha “cabelinhos nas ventas”, se atracasse em plena rua com um coleguinha, como se fossem dois meninos brigando, o que fez minha mãe ser chamada por dona Estefânia, a proprietária e diretora do colégio, e Rosinha ganhar um castigo. Como o pior castigo para nós era não poder ir à praia, Rosinha ficou um tempo impedida de ir à praia, até que nossa mãe fingisse ter esquecido, como sempre fazia quando uma de nós era posta em castigo.

Anexo a meu texto uma fotografia de minha turma de segundo ano ginásial, onde há de ficar claro ser eu a mais jovem da turma de adolescentes quase adultos. Mais à frente me reportarei ao momento em que meu pai, com um ar muito sério, comunicou-nos às três filhas algo que mudaria radicalmente pelo menos a minha vida.



Mas retornemos às lembranças que guardo do jardim de infância – tecelagem, desenho, pintura, modelagem, histórias contadas, cantadas e dramatizadas, brincadeiras, grupinhos de meninas e, se mais não me lembro, há de ser porque não foi importante para mim. Afinal, trata-se de memórias afetivas dos primeiros anos de vida de quem já está hoje nos 80.

Muitas vezes tenho me perguntado como fui alfabetizada, pois alfabetização é a questão que eu e meu grupo, o Grupalfa, estudamos, pesquisamos, escrevemos e publicamos, desde os anos oitenta. Talvez por isso seja cuidadosa nas minhas críticas aos diferentes “métodos” que fui conhecendo e criticando, como se as consequências de tal ou qual método fossem definitivas na vida de qualquer aprendiz. Quero crer não ter tido qualquer problema na primeira série, definido pelo sistema educacional, momento em que a criança, até então analfabeta, deve ser alfabetizada na escola. Na minha infância, como ainda não se conhecia Paulo Freire, pelo que estudei, na primeira série era esperado que a criança fosse alfabetizada para que, daí em diante, fosse aprendendo tudo o que caberia à escola ensinar, aprofundando e ampliando a cada dia aquilo que já trazia sabido para a escola. Assim, sem problemas, já considerada alfabetizada, fui passando pelo primeiro, segundo, terceiro e quarto ano do primário. Pela minha recordação de dona Estefânia, a diretora da escola, levando-me de sala em

sala e me apresentando como “aluna modelo”, devo ter sido considerada muito boa aluna, o que na escola, em geral, quer dizer uma aluna estudiosa e bem comportada, embora não me lembre de estudar muito. Ao final do quarto ano me foi dito que eu poderia fazer o exame de admissão para o ginásio sem cursar a quinta série. E, a cada tarde, durante um mês, eu ia à casa da professora da quarta série para me preparar para o exame de admissão. Passei sem dificuldade.

Aquela altura, duas coisas aconteciam em minha vida fora da escola, com importantes aprendizagens e consequências em minha vida futura. Como no Colégio Mallet Soares se estudava francês desde o primário e inglês só aparecia no ginásio, aos 8 anos foi resolvido por meus pais que eu estudaria inglês com uma professora inglesa que vinha à nossa casa uma vez por semana. Inesquecível a lembrança que dela guardo – uma senhora, sempre de roupa bege, aliás, ela me parecia toda bege, com seus indefectíveis chapéu e guarda-chuva. Graças às suas aulas, desde sempre fui fluente em inglês.

Foi também resolvido por meus pais que eu deveria estudar piano, o que lhes parecia componente importante de uma boa educação. Uma vez por semana eu ia à casa de minha professora, conceituada concertista, bela e amável jovem mulher que, além de me dar aulas, levava-me aos concertos de piano no Municipal, tendo eu assistido aos maiores pianistas de minha época de criança e adolescente, o que despertou em mim o gosto pela música, prazer que guardo por toda a minha vida. Naquela época, o que mais gostava de minha aprendizagem de piano eram as audições que, uma vez por ano, minha professora organizava com todos os alunos, apresentações nas quais o que me cabia tocar eram sempre músicas de efeito, o que provocava comentários em relação ao meu “talento musical”. Mirinha, assim chamávamos carinhosamente Belmira Frazão Ferreira Pinto, apostava na possibilidade de me tornar uma pianista. No entanto, havia um problema – eu adorava jogar vôlei na praia, e jogar vôlei, segundo Mirinha, estragava os dedos de uma pianista. Durante anos tentei conciliar o inconciliável. Ao mesmo tempo em que, além de continuar estudando piano e me apresentando nas audições anuais, me formei em teoria e solfejo e, em seguida, em harmonia, o que indicaria uma opção pelo piano, continuava, vez por outra, a jogar vôlei na praia. Mantinha-se em mim o conflito entre eu me navegar e o mar que insistia em me navegar.

O estudo do piano foi uma das inúmeras portas que se escancaravam para mim, na qual eu hesitava entre entrar de corpo e alma e somente

namorar a possibilidade, tendo persistido apenas o amor e o prazer da música, pois, embora as ondas do mar, vez por outra, me levassem para outros mares, o amor à música era forte e sobreviveu através dos anos, tornando-se parte importante de minha vida, a ponto de até hoje estudar com música, escrever com música, até dormir com música, além de ir a concertos no Brasil e em minhas viagens ao exterior.

Ao trazer nesse texto o tipo de educação que me foi imposta por meus pais, vem-me à memória a cobrança de meu filho pelo fato de não ter tido uma educação musical como a que eu tivera e que tanta falta lhe fazia. À minha resposta de que eu tentara, embora nem ele nem a irmã tivessem se interessado, ele afirmou me desafiando: *E você acha que uma criança sabe o que é melhor para si?* E eu me lembrei do que certa vez uma amiga desabafara entre amigas: *Mãe erra sempre, erra se dá demais, erra se dá de menos, erra se cobra demais, erra se cobra de menos.* E me lembrei do que certa vez meu amigo Hélio Pellegrino, conceituado psicanalista, afirmara: *Superego não faz mal a ninguém.* Deste mal seguramente eu não morreria.

Puxando outros fios de minha história escolar, aparece a minha predileção pelas aulas de desenho, em que se revelava o que passou a ser denominado "talento para o desenho e a pintura". Talvez influenciada pelas minhas primas, filhas da irmã mais velha de meu pai, que tinham tido uma educação primorosa, fui levada a tomar aulas de pintura com Oswaldo Teixeira, apesar de seu maneirismo, e, após aulas de história da arte, tomei aulas com Zaluar e depois com Aluizio Zaluar. Desenhava... e pintava... embora não tenha me dedicado unicamente à pintura, à gravura ou ao desenho. Mais uma vez, as ondas do mar me levavam pra lá e pra cá. Mais uma vez, um potencial não se tornou a escolha da vida. Embora mais uma vez a arte me acompanhasse, tendo me levado, por exemplo, à Escolinha de Arte do Brasil, onde, já professora, trabalhei com Augusto Rodrigues, Cecília Conde, Illo Krugli Pedro, Klaus e Angel Viana e tantos outros artistas, fazendo eu a ponte entre a Secretaria de Educação e a Escolinha de Arte, ou seja, atuando no sentido de que as professoras que faziam o curso da Escolinha incorporassem a arte ao currículo. Na Escolinha de Arte também fiz alguns cursos importantes, dadas as relações internacionais de Augusto Rodrigues, que trazia importantes artistas europeus para dar cursos na Escolinha. Lembro-me especialmente dos cursos de Mike Maynard e sobretudo o de Tom Hudson, dois ingleses, grandes artistas e professores de Arte. E, num dos Congressos Internacionais da SOBREARTE e da

International Board on Books for Young People, participei do planejamento, organização, execução e avaliação do primeiro Domingo da Fantasia realizado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, tendo em seguida apresentado com minha amiga Regina Yolanda, em Sèvres, na França, o trabalho realizado por nós. Mais tarde, já como orientadora educacional, trouxe a experiência com arte para a minha prática orientadora, criando um Núcleo de Arte na escola em que atuava como orientadora educacional, tendo convidado a participar comigo a orientadora pedagógica e a professora de arte da escola. Graças a este trabalho desenvolvido na escola, fui convidada a participar do grupo coordenador do trabalho de orientação educacional desenvolvido nas escolas do Município do Rio de Janeiro. Por dez anos trabalhei na Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, chefiando a Assessoria de Orientação Educacional, eleita que fora para atuar como chefe daquela assessoria, fato inédito na Secretaria de Educação. O nosso grupo era o único grupo que tinha o privilégio de escolher a sua chefe.

Ao escrever este texto memorialista, sou levada a pensar que muitas possibilidades, algumas vezes, como no meu caso, em vez de facilitar uma escolha definitiva, podem, ao contrário, criar o que os franceses denominam *embarras de choix*. Como escolher se as possibilidades eram tantas? Eu ainda não me navegava, não fazia escolhas definitivas, embora carregasse comigo pela vida cada um dos momentos em que o mar parecia me navegar e eu surfava nas ondas que queriam me levar.

Voltando atrás no tempo, retornando aos meus tempos de Colégio Mallet Soares, puxo os fios de duas recordações fortes daqueles anos. Uma delas é a lembrança de todos os alunos do colégio formados na hora da entrada e, de repente, mais uma vez aparece a imagem de dona Estefânia, temida por todos, tirando um menino da forma e o expulsando do colégio. Por quê, não sei. O que me vem à memória é o aperto no meu coração, tão forte que só a recordação me emociona com um sentimento de medo. O que de tão grave um menino poderia ter feito que justificasse tal punição? A escola às vezes sabe ser cruel, e uma punição pode ser tão forte que atinge não somente o “culpado”, mas todos os circunstantes.

A outra lembrança, esta muito forte pela beleza e força, é a de um momento em que todas as escolas do Rio de Janeiro participaram de um encontro num grande estádio, se não me engano no Campo do Vasco da Gama, e, regidas por Heitor Villa-Lobos, cantamos, pois eu estava entre os milhares de crianças e jovens, em coro, A Capela. Talvez este tenha sido

um momento em que, pela primeira vez, vivi e compreendi a força do coletivo, o eu que se faz nós no coletivo. Foi tão forte a emoção vivida por mim que posso me lembrar e cantarolar algumas das músicas que cantamos naquele dia. Esta foi a primeira situação vivida por mim em que me senti pertencendo a um povo. Hoje posso compreender criticamente a razão daquele encontro, embora de tão forte ainda me comova. Esta há de ser a emoção que sentem os componentes de uma orquestra. Daí a beleza do Ensaio de Orquestra, inesquecível filme de Fellini.

E como estou indo e vindo, puxando fios e dando nós nesse *bricolage*, retorno ao dia em que meu pai me comunicou que eu iria para o Instituto de Educação, pois *profissão de mulher é ser professora* e, segundo ele, o Instituto de Educação era o colégio que melhor formava professoras. Ao saber que eu teria de andar para trás, pois já estava no segundo ano ginásial no Colégio Mallet Soares, onde conhecia tudo e todos, e era comunicada que iria para um colégio que sequer sabia onde ficava, onde ninguém eu conhecia ou me conhecia, e, além de tudo, teria de passar por um novo exame de admissão, dito ser difícilíssimo, chorei muito, disse que não iria, que não queria passar no tal exame de admissão. De nada adiantou minha reação. Na semana seguinte passei a ir à Tijuca, bairro que me parecia tão distante de Copacabana, onde morávamos, para tomar aulas com uma professora especialista em preparar para o exame de admissão do Instituto de Educação.

Dava-se um corte radical em minha vida naquele momento. Posso me lembrar do dia do tal exame de admissão para o Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Era um salão imenso, cada candidata, todas mulheres, sentada numa cadeira/mesa e, à frente de cada fila de cadeiras, uma mulher que nos vigiava, o que muito me assustou. Não fui aprovada, o que muito desagradou a meus pais, tendo provocado em mim um terrível sentimento ambivalente. Eu não queria passar, pois não queria mudar de colégio, mas fiquei apavorada com a possibilidade de perder o amor de meu pai, eu, a predileta do "rei". Como pela primeira vez era aberta a possibilidade de uma segunda época (não me recordo se assim foi denominada a segunda chance que nos era oferecida), é óbvio que fui obrigada, por tudo, a me candidatar. E desta vez fui aprovada, para alegria mais de meus pais do que minha.

Eis-me entre as minhas novas colegas, com um novo uniforme, iniciando uma nova fase de minha vida, no Instituto de Educação, onde me formei professora primária.



No Instituto de Educação tive excelentes professores. Além de Biologia, Química, Física, Antropologia e História, que me encantavam, tive uma disciplina, de que não me recordo a denominação, mas na qual aprendíamos a trabalhar com madeira, cobre e outros materiais, o que me encantava. Tínhamos também uma disciplina dada por umas senhoras que nos ensinaram a costurar, bordar, fazer crochê e tricô, o que me parecia muito útil. Já as disciplinas ligadas propriamente ao futuro exercício do magistério, as Didáticas, as Metodologias, não me interessavam tanto, embora nunca tenha sido reprovada ou ficado em segunda época em qualquer disciplina. Ainda que não gostasse das aulas, tive um imenso prazer em preparar e dar uma aula sobre masculino e feminino. Lembro-me de ter feito um belo cartaz muito colorido, onde desenhei um castelo com duas portas, por onde passavam os animais. Nada original... mas me deu prazer fazer o cartaz e dar a aula.

Ao final do curso, fomos classificadas e chamadas a escolher escola onde iniciariamos nossas carreiras de magistério. Combinamos escolher a mesma escola, eu e minhas três melhores amigas. Assim fizemos, e fomos trabalhar no Mendanha, Campo Grande, àquele tempo considerado zona rural. Escola Capistrano de Abreu, uma escola com quatro salas de aula, e

éramos quatro professorandas, nada sabendo do mister de ser professora. Posso me lembrar do meu sentimento assustado ao me deparar com uma quarta série em que alguns eram quase da minha idade e que pensei: *E agora o que é que eu faço?* Hoje, trabalhando com professoras, ouço frequentemente o mesmo que eu me disse naquele tempo, confirmando o que comigo aconteceu, de ser na prática que nos formamos professoras.

Para chegar à escola tomávamos o trem na Central do Brasil de 6 e 8. Minha mãe me levava até o ponto do ônibus, pois ainda era noite quando eu saía de casa. Naquela época, o ônibus passava na hora certa, o trem saía na hora certa e, ao chegarmos a Campo Grande, uma caminhonete já nos esperava para nos levar, as novas professoras, pois todas éramos novas professoras, a cada uma das escolas. A diretora da Escola Capistrano de Abreu, onde nós quatro trabalhávamos, pouco aparecia, pois já aguardava a sua aposentadoria. Na verdade, quem “cuidava” da escola era um servente, Sr. José. Meus alunos eram filhos de pequenos granjeiros e, a cada dia, voltávamos com sacolas cheias de legumes, verduras, frutas com que nos presenteavam. E eu, além de dar aula, na medida em que a prática ia me ensinando e nossas conversas no trem nos faziam aprender umas com as outras, a cada fim de semana levava um dos alunos para passar o fim de semana em minha casa, o que enchia meu pai e minha mãe de orgulho. Lembro-me mais dos alunos, eram todos meninos, e pouco do que lhes ensinava. Nesse tempo já estava noiva e nós dois os levávamos a passear, a conhecer o Rio de Janeiro, a praia, o parque de diversões, os chamados pontos turísticos da cidade.

Guardo até hoje uma foto daquela primeira turma de minha vida de professora.



Na verdade, quando de fato comecei a 'aprender a ser professora, a sentir-me professora, a gostar de ser professora, a se anunciar para mim algo que daria um novo sentido à minha vida, foi na segunda escola em que trabalhei, agora na Penha Circular, subúrbio do Rio. Na Escola Desembargador Montenegro, encontrei um grupo de professoras experientes e generosas, capazes de compartilhar a sua longa e rica experiência com uma jovem inexperiente como eu. A cada 15 dias havia uma reunião pedagógica, em que se discutiam as nossas práticas docentes, acertos e insucessos, consequências sociais de nossa prática pedagógica coletiva, o que me encorajava a criar alternativas pedagógicas a situações que me desafiavam. A diretora atenta e presente, de tal forma que sua presença era sentida ainda quando, eventualmente, pudesse não estar na escola. Naquela escola, aprendi qual o papel de uma boa diretora, aprendi a importância de reuniões pedagógicas, aprendi a importância das reuniões de pais e mães e a sua participação num currículo que atendesse ao nosso desejo coletivo de uma escola de qualidade para tod@s, aprendi a importância de um trabalho de equipe, aprendi a importância de ser professora, aprendizagens que foram definitivas em minha vida. Nascia em mim, naquela escola, um sentimento novo de responsabilidade social, de compromisso com algo até então desconhecido por mim, de um sentido maior que uma vida pode adquirir. Eu não estudava mais para passar de ano ou porque me cobravam, eu passava a estudar para me tornar melhor professora. Eu me tornava professora, não mais porque meu pai resolvera por mim que este seria meu futuro, mas porque a cada dia crescia em mim o desejo de sê-lo. Eu começava a navegar a minha própria vida.